

## IV. ANTICONCEPÇÃO

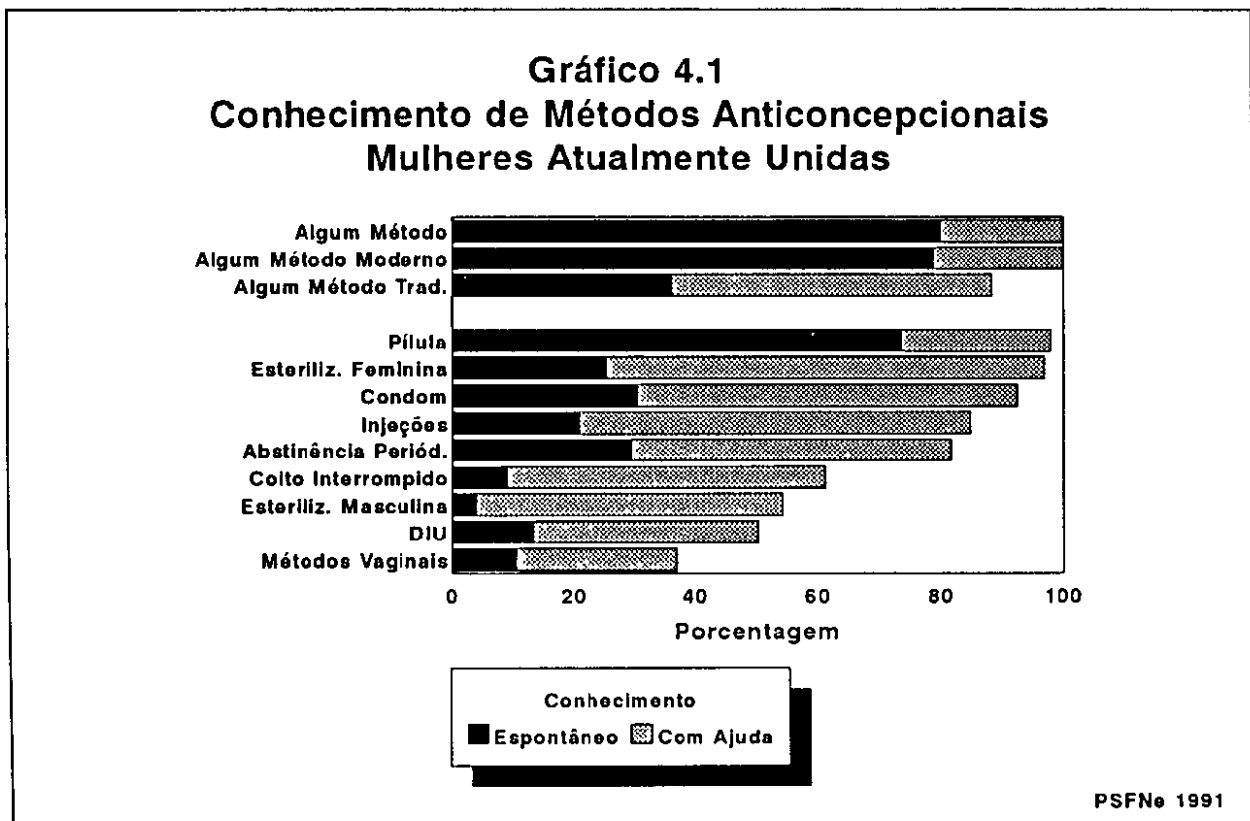
A prevalência da anticoncepção no Nordeste é um dos temas centrais desta investigação. Entretanto, antes de abordar o uso atual de métodos anticoncepcionais, torna-se necessário analisar as condições prévias para a adoção da prática anticonceptiva, como o conhecimento de métodos, o conhecimento de fontes de obtenção e informação e o uso anterior de algum método.

### Conhecimento de Métodos e de Fontes de Obtenção

O conhecimento de métodos anticoncepcionais foi testado na PSFNe de duas maneiras: primeiramente, pediu-se às entrevistadas que citassem todos os métodos que conheciam. Em seguida, os métodos não citados espontaneamente foram mencionados para que dissessem se já tinham ouvido falar sobre eles. Para cada método conhecido, espontaneamente citado ou não, perguntou-se às entrevistadas se conheciam alguma fonte de obtenção ou informação.

A maioria das mulheres do Nordeste conhece pelo menos um método anticoncepcional, sendo que, entre as mulheres unidas, esse conhecimento é quase universal (99,8%). Praticamente a mesma proporção de mulheres conhece algum método moderno (pílula, DIU, esterilização, condom ou preservativo, injeções hormonais e métodos vaginais como diafragma, geléia e óvulos), enquanto que os métodos tradicionais (abstinência periódica ou tabela, coito interrompido, etc.) apresentaram porcentagens mais baixas de conhecimento.

Ao analisar o conhecimento por método, observa-se que os mais conhecidos são a pílula, a esterilização feminina e o condom. Seguem-se as injeções e a abstinência periódica (ver Gráfico 4.1).



A porcentagem de mulheres que sabem onde obter algum método é um pouco menor que a porcentagem de conhecimento de métodos. Esta relação aparece também quando se observa o conhecimento de fonte de obtenção ou informação para cada método específico, sendo que, em alguns casos, a diferença é bastante alta, sugerindo que muitas entrevistadas ouviram falar do método, mas não sabem onde obtê-lo.

O conhecimento de métodos e de fontes é amplamente difundido entre os diferentes grupos da população do Nordeste: 99,6% das mulheres nas áreas rurais e 100% das mulheres nas áreas urbanas conhecem algum método moderno.

## **Uso de Métodos**

Com o objetivo de medir a prática da anticoncepção passada e atual, perguntou-se a todas as mulheres que conheciam métodos se já haviam usado algum.

Mais da metade do total de mulheres e mais de três quartos das mulheres casadas ou unidas já haviam usado algum tipo de método, sendo que quase a mesma proporção havia experimentado um método moderno.

A pílula foi o método mais usado pelos dois grupos, seguida da esterilização. Outros métodos com algum destaque foram os tradicionais (abstinência periódica e coito interrompido) e o condom.

Quando se analisa o uso passado de algum método para o total de mulheres por grupos de idade, nota-se que este é mais baixo entre as mulheres de 15-19 anos, subindo com a idade até atingir uma maior porcentagem no grupo etário de 30-34 anos, e caindo a seguir nos demais grupos. O mesmo padrão é encontrado quando se observa cada método específico, sendo que, para a esterilização, a porcentagem maior de uso encontra-se entre as mulheres de 35-39 anos.

Considerando-se as mulheres casadas ou unidas por grupos de idade, observa-se que o uso passado é alto desde o grupo mais jovem, atingindo seu maior percentual também no grupo de 30-34 anos. O uso por tipo de método mostra a mesma tendência, embora a pílula tenha sido mais usada pelas mulheres de 20 a 24 anos. Apenas o condom foge a esse padrão, com maior prevalência de uso passado entre mulheres pertencentes aos grupos etários mais jovens.

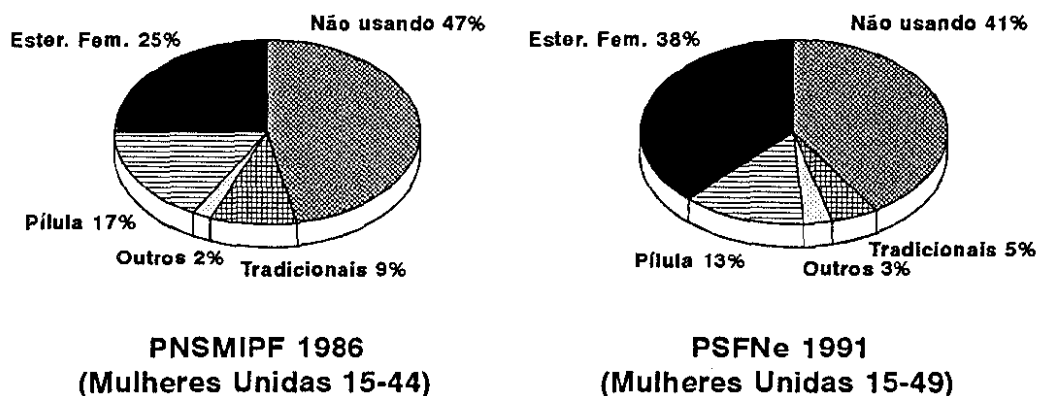
## **Prevalência de Uso da Anticoncepção**

Para todas as mulheres que já haviam usado algum método, e que não estavam grávidas, perguntou-se se estavam usando algum anticoncepcional na época da pesquisa. Cerca de 59% das mulheres atualmente casadas ou unidas (ou seus parceiros) estavam usando um método anticoncepcional.

O método mais usado entre as mulheres unidas é a esterilização feminina: 38% declararam que haviam feito esta cirurgia para não ter mais filhos. Em segundo lugar aparece a pílula, com uma prevalência de uso de 13%. Os demais métodos apresentam percentuais de uso bem mais baixos.

No Gráfico 4.2, temos a comparação entre a prevalência de uso de métodos encontrada na PSFNe 1991 e na PNSMIPF 1986. Como se pode observar, a prevalência total aumentou seis pontos percentuais de 1986 para 1991, sendo que este crescimento deveu-se quase exclusivamente ao aumento da esterilização, uma vez que a pílula e os métodos tradicionais apresentaram uma redução em seus percentuais.

**Gráfico 4.2**  
**Prevalência de Uso da Anticoncepção por**  
**Método, Nordeste 1986 e 1991**



A prevalência total de uso de métodos de acordo com a idade da mulher apresenta a forma de uma curva convexa, atingindo uma porcentagem de uso mais alta no grupo de 35-39 anos, onde 68% das mulheres unidas estavam usando algum método na época da pesquisa. Porcentagens mais baixas de uso são observadas nos grupos etários extremos da vida reprodutiva.

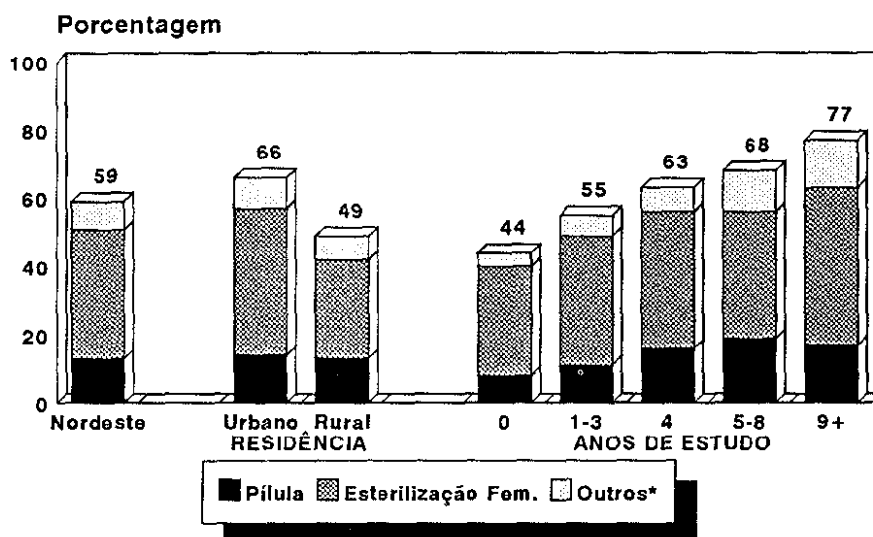
Em relação ao uso de cada método específico por grupos de idade, observa-se que, entre as mulheres casadas ou unidas, a pílula e o condom apresentam percentuais mais altos no grupo mais jovem, diminuindo com o aumento da idade.

A prevalência de uso da esterilização sobe rapidamente com a idade da mulher, atingindo a maior porcentagem no grupo etário de 35-39 anos, no qual 52% das mulheres casadas ou unidas estão esterilizadas.

Os Gráficos 4.3 e 4.4 apresentam informações mais detalhadas a respeito da anticoncepção nos diferentes subgrupos da população entrevistada pela pesquisa. A prevalência de uso da anticoncepção é bem mais alta entre as mulheres residentes nas áreas urbanas, quando comparadas com aquelas das áreas rurais (66% e 49%, respectivamente), não só no que se refere ao uso total, mas também para cada método específico. Entre os estados da Região Nordeste, o Rio Grande do Norte apresenta a mais alta porcentagem de mulheres unidas usando algum método anticoncepcional (70%), seguido por Sergipe, Paraíba e Piauí (66% em cada estado). As menores prevalências de uso da anticoncepção são encontradas entre mulheres unidas do Maranhão (48%), de Alagoas e do Ceará (54% para ambos).

Em todos os nove estados da região, observa-se o mesmo padrão de uso de métodos. Uma grande porcentagem das mulheres usuárias da anticoncepção ou foram esterilizadas, ou estavam usando pílula na época da pesquisa. Sergipe é o estado que apresenta a maior porcentagem de mulheres usuárias de pílula, e o Piauí o que apresenta a maior porcentagem de mulheres esterilizadas. Entre as usuárias da anticoncepção em Sergipe, 28% estavam usando a pílula, e, no Piauí, 79% das mulheres que estavam usando algum método tinham sido esterilizadas.

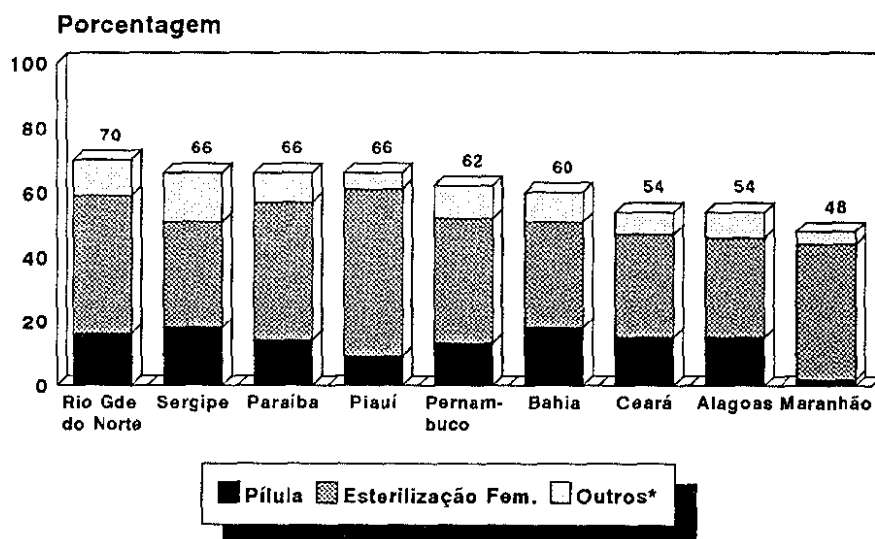
**Gráfico 4.3**  
**Uso da Pílula, Esterilização e Outros**  
**Métodos por Residência e Instrução**



\* Inclui DIU, injeções, métodos vaginais, condom, ester. masculina, e mét. trad.

PSFNº 1991

**Gráfico 4.4**  
**Uso da Pílula, Esterilização Feminina, e**  
**Outros Métodos, por Estado**



\* Inclui DIU, injeções, métodos vaginais, condom, ester. masculina, e mét. trad.

PSFNº 1991

A instrução está associada ao uso da anticoncepção: quanto maior a instrução, maior a porcentagem de mulheres usando algum método. Esta relação também é válida para cada método específico. A prevalência de uso da anticoncepção entre mulheres casadas ou unidas sem instrução é de 44%, ao passo que, entre aquelas com 9 ou mais anos de estudo, a porcentagem sobe para 77%. Entretanto, é importante mencionar que, entre a população feminina com maior instrução, encontra-se uma maior porcentagem de mulheres que estão no auge do período reprodutivo e, portanto, têm maior propensão a usar anticoncepcionais.

Entre as mulheres alguma vez casadas ou unidas que já usaram algum anticoncepcional, um número significativo usou o primeiro método antes ou logo após o primeiro filho (23% e 21%, respectivamente). É interessante observar que, quanto mais jovem a mulher, maior a incidência de uso de algum método antes do primeiro filho.

Perguntadas se tinham algum problema com o uso do método atual, a maioria respondeu negativamente. Entre as mulheres usuárias da pílula, 20% apontaram efeitos colaterais ou problemas de saúde. Para 20% das usuárias do condom, os problemas citados estão relacionados à inconveniência de uso e ao fato dos companheiros não gostarem do método.

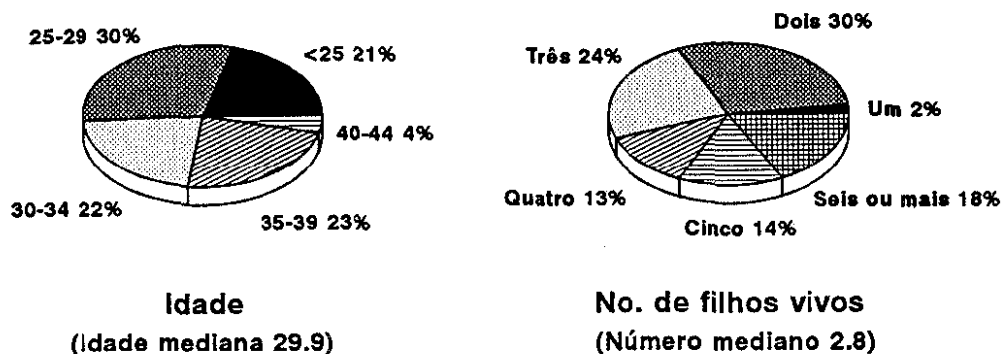
O conhecimento do período fértil é importante quando se considera o uso dos métodos vaginais, coito interrompido, condom e, principalmente, dos métodos de abstinência periódica ou tabela. Quarenta por cento das entrevistadas não souberam precisar em que época do ciclo menstrual a mulher tem uma maior probabilidade de engravidar, e 26% disseram que o período mais propenso era logo depois da menstruação. Somente 14% deram a resposta "correta": no meio do ciclo menstrual. Entretanto, entre as mulheres que usam ou já usaram a abstinência periódica, a época do período fértil é mais conhecida do que para as mulheres em geral. Neste grupo, 35% disseram que a época mais propícia era no meio do ciclo. É importante mencionar que 19% das mulheres que usam ou já usaram a abstinência periódica não souberam responder quando ocorre o período mais fértil da mulher.

A distribuição percentual das mulheres esterilizadas por idade e paridade na época da cirurgia é apresentada no Gráfico 4.5. Observa-se que no Nordeste metade das mulheres esterilizadas nos últimos dois anos fizeram a cirurgia quando tinham aproximadamente 30 anos de idade e três filhos (a idade mediana é 29,9 anos e o número mediano de filhos na época da cirurgia é 2,8 filhos).

Vinte e um por cento das mulheres fizeram a cirurgia com menos de 25 anos de idade, 30% entre 25 e 29 anos, 22% entre 30 e 34 anos, 23% entre 35 e 39 anos e finalmente 4% na faixa etária de 40-44 anos. Em relação à paridade na época da esterilização 2% tinham somente um filho, 30% dois, 24% três, 13% quatro, 14% cinco e 18% tinham seis ou mais filhos.

Em relação à tendência da adoção da esterilização, verifica-se, num período mais recente, um aumento na porcentagem de mulheres que se esterilizaram depois do segundo filho.

**Gráfico 4.5**  
**Distribuição das Mulheres por Idade e Paridade na Época da Esterilização**



Nota: Esterilizações nos últimos 2 anos

PSFNº 1991

**Fonte de Obtenção de Métodos**

Para a grande maioria das mulheres usuárias de métodos modernos reversíveis, como a pílula, as injeções e o condom, a mais recente fonte de suprimento citada foi a farmácia. Para a pílula e o condom, os centros ou postos de saúde assumem também importância como fonte de suprimento. Vale ressaltar que este fato é um reflexo do trabalho de cooperação técnica entre a BEMFAM e as secretarias de saúde da região.

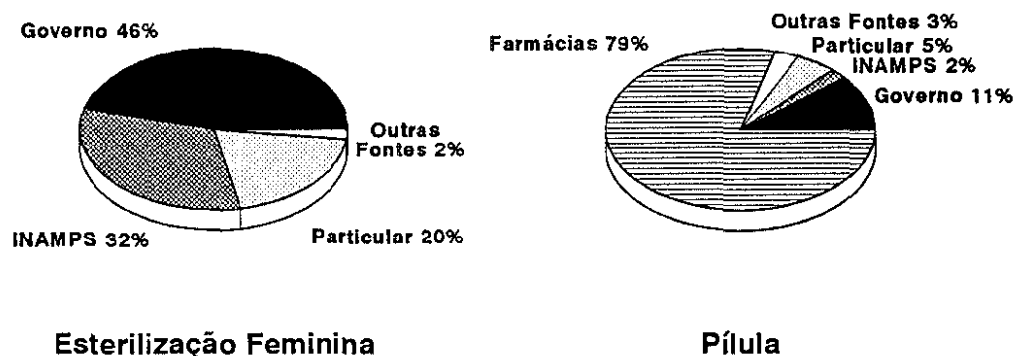
Para a esterilização, os principais locais de realização da cirurgia foram a rede pública, com 78% (principalmente hospitais do governo com 46%, e INAMPS e conveniados com 32%), complementados pela rede particular (hospitais e clínicas particulares), responsável por 20% das esterilizações (ver Gráfico 4.6).

Quanto ao tempo gasto para atingir uma fonte de suprimento de métodos modernos, nota-se uma grande diferença de acesso entre as áreas urbanas e rurais. As mulheres das áreas rurais gastam, em média, três vezes mais tempo que as mulheres das áreas urbanas para chegar ao local de suprimento do método (60 e 20 minutos, respectivamente).

A interrupção do uso da anticoncepção é um importante aspecto a ser analisado pelos programas de planejamento familiar, a fim de melhorar a qualidade de seus serviços. Altas taxas de descontinuidade no uso de métodos indicam a necessidade de um melhor aconselhamento na escolha do método, consultas periódicas, maior acesso a diferentes tipos de métodos e serviços.

No Nordeste, a porcentagem total de mulheres que deixaram de usar algum método dentro de um período de 12 meses após o início do uso foi de 48%, sendo que 13% o fizeram devido a efeitos colaterais e problemas de saúde, 8% por falha do método, 4% porque queriam ficar grávidas, e 23% por outras razões (principalmente, a inconveniência de uso, desejo de um método mais eficaz e sexo pouco freqüente). Deve-se levar em conta que a porcentagem de 48% de interrupção do uso de métodos no período de 12 meses inclui

**Gráfico 4.6**  
**Fonte de Obtenção para Pílula e**  
**Esterilização Feminina**



PSFNe 1991

a esterilização. As taxas da interrupção de uso durante o primeiro ano variam segundo o tipo de método sendo a da pílula a mais baixa (52%) e a do condom a mais alta (81%).

Para as mulheres que interromperam o uso de algum método específico nos últimos cinco anos, independentemente do tempo em que o método foi utilizado, as razões de interrupção variam segundo o método. Os efeitos colaterais foram mais mencionados entre as usuárias da pílula (38%) e das injeções (45%), e a inconveniência de uso, entre as usuárias de condom (36%). Para as que usavam a abstinência periódica ou o coito interrompido, o principal motivo para a interrupção foi a falha do método em 50% e 40% dos casos, respectivamente. Este fato, de certa forma, não é surpresa, pois uma porcentagem significativa de mulheres da Região Nordeste que já usaram métodos de abstinência periódica não souberam precisar a época do ciclo menstrual em que existe uma maior probabilidade de engravidar.

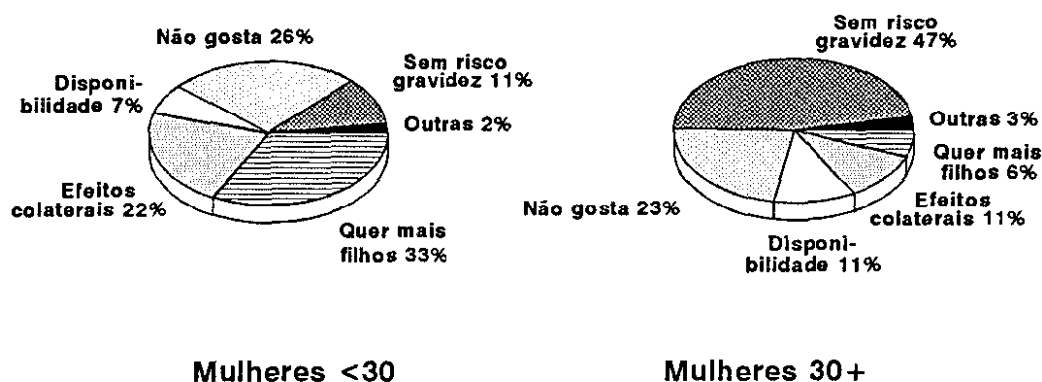
### **Uso Futuro, Razões de Não Uso e Atitudes em Relação à Divulgação do Planejamento Familiar pela Mídia**

Entre as mulheres atualmente casadas ou unidas que não estavam usando anticoncepção, mais da metade disseram não ter intenção de usar algum método no futuro. Um pouco mais de um terço pretende usar algum método nos próximos 12 meses, 5% desejam usar mais tarde, e 7% não sabem se querem usar ou não.

Existe uma maior porcentagem de mulheres que não pretende usar nenhum método entre as que nunca usaram a anticoncepção, em comparação com as que já fizeram uso de métodos alguma vez (38% e 16%, respectivamente). Uma maior porcentagem de mulheres que já usou previamente a anticoncepção pretende usar algum método nos próximos 12 meses, em comparação com as que nunca usaram nenhum método anticoncepcional (24% e 11%, respectivamente).

As principais razões mencionadas para não quererem usar um método no futuro foram a dificuldade de engravidar (15%), o desejo de ter mais filhos (13%), menopausa (13%), fatalismo (12%), efeitos colaterais dos métodos (9%) e o fato de acharem inconveniente ou não gostarem do método (7%). Entre as mulheres com menos de 30 anos de idade uma importante razão para o não uso de um método anticoncepcional está associada aos efeitos colaterais e para as mulheres mais velhas, ou seja, aquelas entre 30 anos ou mais a disponibilidade (falta de informação, custo alto e dificuldade de obtenção) foi citada por uma porcentagem expressiva de mulheres (ver Gráfico 4.7).

**Gráfico 4.7**  
**Razão para Não Usar Método por Idade**



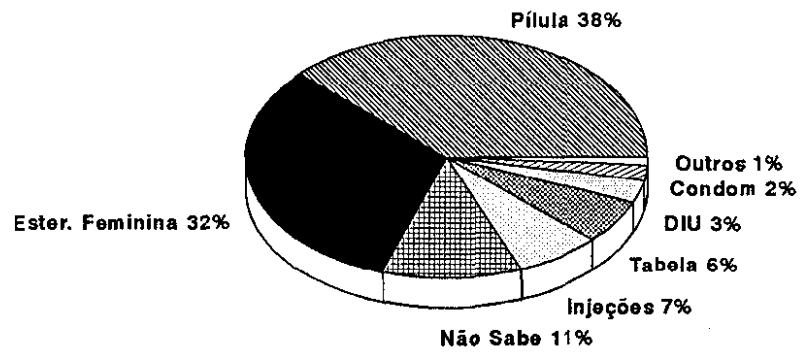
Nota: Mulheres que não usam método e não pretendem usar no futuro

PSFNe 1991

Para as que querem usar a anticoncepção no futuro, a pílula e a esterilização foram os métodos mais citados (ver Gráfico 4.8). É interessante notar que, entre aquelas que pretendem usar um método nos próximos 12 meses, a porcentagem das que escolheram a pílula é um pouco maior que a das que escolheram a esterilização, enquanto que, entre as que desejam usar um método mais tarde, os percentuais são iguais para os dois métodos.

Finalizando, perguntou-se a todas as mulheres se haviam escutado ou visto programas sobre o planejamento familiar no rádio e na televisão durante o mês anterior à entrevista. Menos de 30% das entrevistadas reportou ter assistido alguma mensagem sobre planejamento familiar, sendo que essa porcentagem é maior nas áreas urbanas. No total, a televisão mostrou maior audiência que o rádio. Entretanto, como era de se esperar, o rádio foi mais citado pelas mulheres com menor instrução e pelas moradoras das áreas rurais. A escolaridade influi na audiência, mostrando-se mais alta à medida em que aumenta o nível de instrução. A Bahia foi o estado do Nordeste que apresentou maior índice de audiência de mensagens sobre planejamento familiar, seguido de Sergipe e Pernambuco. A veiculação de mensagens sobre planejamento familiar nos meios de comunicação de massa é aceita pela grande maioria, independentemente da idade. As mulheres urbanas foram mais favoráveis a essas mensagens na mídia, assim como as mulheres de maior instrução.

**Gráfico 4.8**  
**Preferência de Método para Uso Futuro**



**Nota:** Mulheres unidas não-usuárias que pretendem usar método no futuro

PSFNe 1991

